

Ser professor na Cultura Digital: e agora?

Zuleica Aparecida CABRAL
Zac010375@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/6104287697533395>

RESUMO

Viver em meio ao turbilhão de informações proporcionado pelo advento da internet parece estar deslocando as identidades e exigindo um repensar, uma reconfiguração de identidades haja vista que, até então, acreditávamos estar em uma configuração com suas verdades e dúvidas, com modos dicotômicos para atuar na sociedade e em todas as práticas sociais. Sendo assim, o presente trabalho objetiva discutir como a cultura digital tem impactado as identidades docentes buscando situar em termos amplos as configurações historicamente estabelecidas por cultura tecendo uma discussão até a cibercultura que trabalha com a noção de compartilhamento em rede para construção de conhecimento, levando a (re)questionar as identidades de ser professor nessa vertiginosa mudança tecnológica. Para contemplar a discussão proposta faremos uma análise Bakhtiniana de discursos de professores na tentativa de traçar caminhos das novas reconfigurações identitárias exigidas pela cultura digital. Finalizamos com algumas considerações já que discutir tecnologia é um campo ainda movediço e que exige percepção crítica de modo a não afirmar que “tecnologias” poderiam resolver os percalços da educação.

Palavras-chave: tecnologia, cultura digital, identidades

Neste texto tecemos reflexões a respeito das identidades dos docentes frente à cultura digital, ou cibercultura. Viver em meio a esse turbilhão de informações proporcionado pelo advento da internet parece estar deslocando as identidades e exigindo um repensar, uma reconfiguração haja vista que, até então, acreditávamos estar em uma configuração com suas verdades e dúvidas, com modos dicotômicos para atuar na sociedade e em todas as práticas sociais.

Sendo assim, o presente trabalho se organiza em quatro seções. Na primeira abordamos Cultura, buscando situar em termos amplos as configurações historicamente estabelecidas por cultura, a fim de trazer à baila os jogos contrastantes de forças e compreender como adentramos na cultura digital, temática abordada na segunda seção. A cibercultura, conforme preconizada por Lèvy (1993), é a cultura que instiga mudanças para um trabalho em rede, colaborativo e interativo, no qual reconfigura os paradigmas educacionais, mobilizando as identidades dos professores que, ao que parece, mostram-se inseguros, sem saber se perderam ou não o papel de detentores do saber e questionando qual é o seu lugar nessa ebulição tecnológica. Essa discussão, apresentada na terceira seção, nos leva a buscar caminhos para clarificar de quem é o saber se a cultura mudou? Que cultura é essa e quem tem acesso?

Em seguida apresentamos dois excertos retirados de *blogs* de professores da rede pública de ensino, o qual fazem parte do *corpus* da minha dissertação defendida em 2013, buscando analisar o discurso dos professores, por meio das concepções de Bakhtin, na tentativa de traçar caminhos das novas reconfigurações identitárias exigidas pela cultura digital. Finalizamos com algumas considerações já que discutir tecnologia é um campo ainda movediço e que exige percepção crítica de modo a não afirmar que “tecnologias” poderiam resolver os percalços da educação.

É nesse norte que tentaremos expor nossas percepções a respeito do tema e a partir delas buscar caminhos possíveis para transformações profícuas rumo a uma educação colaborativa.

Cultura

É perceptível que vivemos uma era de mudanças, de movimentos vários, de dispersão. Vivemos a era de muita informação, de tantas palavras, de tantos discursos que apontam fatos, regras, situações movediças, de jogos contrastantes de forças. Diante dessas forças de contraste, as discussões sobre o que é moderno e pós-moderno. Movimentos estes que não são tão lineares e nem tão simples como querem que se apresente. Ante a essas complexidades que atingem e movem a sociedade, de uma maneira ou outra, tais complexidades chegam à escola¹. Dentre o conhecimento de uma série de complexidades que atingem à escola estão as questões ambientais, os padrões sociais, as relações de poder, as condições históricas e econômicas do país, a ebulição da tecnologia digital, o rompimento de fronteiras concretas e a transformação de tudo aquilo que era tido como paradigma, como padrão, como norma.

A invasão da tecnologia digital, da automação e da informação, tanto como a valorização da cultura de massa parecem ser elementos que revelam um movimento plural e fluido, de um sujeito fragmentado (HALL, 2006), de um sujeito que passa a ser pensado, produzido e dirigido pelas instituições, estruturas e discursos internos. Nessa perspectiva, é que se nota o transitório do que é moderno e pós-moderno, e o pós-modernismo implica questões curriculares, como destaca Motta (2010):

As noções de educação, de pedagogia e de currículo estão solidamente fincadas na modernidade. Nesse contexto, a escola é a instituição que mais reflete essa realidade. Seu objetivo tem sido a transmissão do conhecimento científico, autônomo e especializado, com significados fixos, como objetos de domínio e poder. A sua finalidade é formar o ser humano supostamente racional e autônomo e moldar o cidadão da moderna democracia representativa. (MOTTA, 2010, p. 10)

No que tange as noções de educação, são esses parâmetros fundamentados na cultura da sociedade e, por conseguinte, da escola, ou seja, aquilo que se espera dela. Ao se discutir acerca de cultura, primeiramente cabe trazer à baila a definição denotativa do termo. Ao abrirmos o Houaiss (2011) temos o seguinte verbete:

1 Cabe ressaltar que ao usar o termo escola, usamos em sentido amplo, fazendo referência a toda formação, seja ela no ensino básico, fundamental e médio, como na formação docente e formação continuada.

Cultura: s.f. Ato, efeito, ato ou modo de cultivar, conjunto das operações necessárias para que a terra produza: lavoura; categoria de vegetais cultivados; terreno cultivado; meio de conservar; aumentar e utilizar certos produtos naturais; (fig.) aplicação às coisas do espírito; estudo: cultura das letras; estado de quem tem desenvolvimento intelectual; conjunto de conhecimentos; instrução; saber; homem de grande cultura; apuro, esmero; elegância, adiantamento; civilização; (HOUAISS, 2011, p. 340)

Essas são acepções iniciais para se pensar cultura, no entanto frente à escola, às práticas sociais dos sujeitos presentes nela, as identidades que se constroem e reconstroem nas instituições de saber, tal conceito não se basta. Afinal de contas, o saber da escola está alicerçado no desenvolvimento intelectual, conforme definição do verbete, os conteúdos se organizam a partir de uma estrutura de disciplinas, da organização de conhecimentos daquilo que a escola julga como necessário para o aluno aprender. Vale ressaltar aqui, que esse mesmo modelo é empregado também na formação.

Necessitamos buscar na sociologia e na antropologia como o conceito de cultura se organiza e, assim pensar no sujeito professor. Aos olhos da sociologia, cultura é tudo aquilo que resulta da criação humana. São ideias, artefatos, costumes, leis, crenças, conhecimentos e são aprendidos no convívio social, ou seja, nas práticas sociais dos sujeitos na sociedade.

Para antropologia, de acordo com Laraia (2004), o significado mais simples desse termo afirma que cultura abrange todas as realizações materiais e os aspectos espirituais de um povo. Ou seja, em outras palavras, cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideais e crenças. Cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente. Além disso, é também todo comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica.

Sendo então um comportamento aprendido, apresentamos desse modo a pertinência de pensar cultura e seus desdobramentos na formação de professores. Conhecer conceitos diferentes pode dar aos educadores a ferramenta contra o preconceito, discutir e apresentar elementos culturais diferentes pode corresponder a respostas a problemas subjetivos tendo significado especial para cada sujeito, além da vantagem de abordar as diversidades, o multiculturalismo a fim de estimular o respeito à diferença. Sem contar a percepção de como a cultura não é um conceito fixo, e sim fluido que é aprendido constantemente, que exige movimentos de desencaixe contínuos para que professores e alunos compreendam a necessidade de se reconfigurar constantemente, inovar, abrir questões; mostrar; estabelecer relações; compartilhar ideias; questionar e aprender; compreender; ver as relações entre as partes e o todo; fazer emergir ideias; revelar a pluralidade delas.

Todavia, a escola procurar buscar maneiras de mudar, porém acaba por manter uma cultura engessada, em moldes que buscam modelos a serem seguidos. O poder do professor é soberano, vertical, a oportunidade de dar voz aos alunos na maioria das vezes parece assustador. Os professores deixam de ser receptáculos do saber, deixam de ser a fonte de conhecimento em detrimento da rede mundial de computadores que disponibiliza informações em tempo real. Na maioria das vezes, os alunos já vão à escola repletos de saberes sobre os assuntos versados em sala e necessitam da mediação

docente para esses conhecimentos que estão deslocados na instituição que detinha o saber. A aprendizagem colaborativa favorece uma desregulamentação parcial dos modos de conhecimento dos saberes hierarquizados, nesse sentido constatamos a mudança de relação com o saber. Hall (2006) enfatiza que as identidades culturais estão sendo afetadas no processo de globalização.

A formação docente imprime uma identidade cultural no ser professor e, por meio dessa formação muitas vezes dizemos que somos professores desse ou daquele modo, moldados em ditames teóricos que estão amalgamados em currículos estabelecidos historicamente. Sem contar que toda a vida escolar convivemos com uma imagem de professor, o que é ser um professor, como ele age, e esse fato já vem construindo uma imagem do que é ser docente.

A Prática docente é geralmente resultado de um repertório idiossincrático de estratégias e procedimentos didático-pedagógicos aprendidos desde a vida escolar, mas, sobretudo, na formação inicial, adaptados às características pessoais do professor e ao contexto escolar. (RIBEIRO, OLIVEIRA, MILL, 2013, p. 140)

Um círculo vicioso talvez, vivemos o tempo escolar com uma figura docente e na formação reafirmamos essa identidade e, assim, na sua maioria ratificamos o círculo agindo nos mesmos moldes, reiterando a identidade docente como “padrão”. Ao ingressar na docência o professor idealiza uma determinada aprendizagem pautado em sua formação, digo isso por trabalhar na formação de docentes. Não obstante, é comum ouvirmos professores recém-formados afirmando que não sabem como trabalhar com os alunos frente às tecnologias digitais, há desinteresse dos alunos para as aulas que os professores levam horas preparando e não surtem efeitos. Evidentemente não é o professor que está errado, ou que a aula foi mal preparada, mas os alunos mudaram porque a cultura mudou, a sociedade mudou e, a formação, a escola, a aula permanecem as mesmas.

A formação de uma cultura nacional contribuiu para criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma única língua vernacular como o meio dominante de comunicação em toda a nação, criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais, como, por exemplo, um sistema educacional nacional. Dessa e de outras formas, a cultura nacional se tornou uma característica-chave da industrialização e um dispositivo da modernidade. (HALL, 2006, pp. 49-50)

Nesse vértice, Hall (2006) afirma que a cultura é um discurso e, que esses discursos ao produzir sentidos identifica, ou seja, constrói identidades. Então esse discurso, essa cultura construiu a identidade de um professor detentor do saber, de uma escola homogênea, de um aprendizado homogêneo que eram e/ou são repassados aos alunos, já que é uma instituição que dá e legitima o saber, por meio de modelos pré-estabelecidos.

Sendo assim, a modernidade tardia ou a pós-modernidade, com a globalização e os avanços tecnológicos reconfigura o conhecimento, os modos de aprender, versando o conhecimento enquanto uma rede de relações, isso rompe com fragmentação escolar,

partindo de diferentes contextos que integram os “nós” (LEVY, 1993) de modo a se lançar um entendimento da Cultura Digital.

CULTURA DIGITAL OU CIBERCULTURA

A cultura digital ou cibercultura é um conceito que traz reflexões instigantes para se pensar os caminhos da aprendizagem, com especial ênfase às tecnologias digitais. A ebulição da cibercultura incide em muitos desafios para os educadores na contemporaneidade. Isso porque, como destaca Fagundes (2010), a educação é resistente à mudança, haja vista que os educadores se encarregam de preservar tudo aquilo que a humanidade produziu, sendo este o detentor de um saber que precisa ser passado as novas gerações. Por isso, Fagundes (2011) em conferência sobre as licenciaturas na UCS, afirma que “a escola é um núcleo de resistência às novas culturas”. A participação ou não de docentes nessa cultura reconfigura identidades, uma vez que vários questionamentos nos vêm à mente. Primeiramente refletir se o professor perdeu o papel de detentor do saber? Papel este desempenhado e construído sócio historicamente. Se de fato perdeu, de quem é o saber hoje? Afinal, cultura digital ainda parece ficção científica, telefonar para alguém e enxergar o outro na tela não é realidade de todos nessa sociedade tecnologizada.

Segundo Lèvy (1999), da cibercultura emanam considerações sobre a nova relação com o saber e seus consequentes desdobramentos na educação, na formação e na construção da inteligência coletiva. De acordo com o autor supracitado a nova relação com o saber sinaliza o papel das tecnologias intelectuais como favorecedoras de novas formas de acesso à informação e de novos estilos de raciocínio e de construção do conhecimento. Em face do saber destotalizado no ciberespaço, Lèvy (1999) põe às claras o quão inadequado se mostra a pretensão de abordar o todo do conhecimento.

Dessa forma, a tecnologia permite ampliar a percepção humana, amplia a visão, a audição, os sentidos do homem. Para exemplificar, pensamos na ecografia de uma gestante, é possível por meio da tecnologia saber perfeitamente o perfil do bebê, as características físicas. A tecnologia digital melhora e corrige a percepção dos sujeitos, ou seja, amplia a cognição. Esse é um desafio que se instaura para a Educação, permitir que a tecnologia digital, juntamente com a mediação do professor, adentre a escola e permitam ampliar a cognição, ou seja, alterar a cultura da escola.

A cibercultura poderia ser considerada então a cultura da leitura e da escrita, no sentido amplo do termo, haja vista que anteriormente às tecnologias digitais tínhamos a cultura da leitura. A cultura de massa nos permita ler o mundo, ler as mensagens, ler a escola. Com o advento do digital a leitura se amplia e nos permite escrever, participar dessa massificação. Por meio da rede é possível ter acesso a muitas informações de qualquer lugar do mundo, isso nos possibilita, muitas vezes, em tempo real, a ler, rever e produzir conteúdo a partir dessa informação disponível na rede. Autorizando à passagem de leitor a escritor, permitindo a participação dessa informação.

Diante desse fato, é necessário pensar os caminhos da educação, da formação, da escola, da ação dos professores nessa cultura digital. Lemos (2010) destaca três princípios para a educação na cibercultura. O primeiro deles é a liberação da emissão, ou seja, a possibilidade efetiva de poder escrever e não apenas ler. Ao ler apenas, o

aprendizado buscava a criticidade da leitura. Ante à liberação da emissão, constatamos que a escrita se potencializou através dos *blogs*, dos *softwares* livres, dos *games*, das redes sociais, dos *podcasts*, da produção de vídeos. A escrita não é apenas uma prática escolar, e sim a participação dos atores sociais na mais diversas práticas. Não se escreve mais apenas para o professor, para a produção de texto, para redação do vestibular, os autores dessas escritas múltiplas criam seus nichos de interesse e produzem. Eis um desafio para a cultura educacional, a escrita como participação social, diante dos interesses e necessidades dos cibereducandos². Isso porque, essa emissão liberada é conectada, generalizada na rede.

Nessa conectividade, voltamo-nos para o segundo princípio apontado por Lemos (2010), a conexão generalizada e aberta. Na qual destacamos, a possibilidade de o aluno digital poder falar e se agrupar àqueles que se assemelham, concordam com as mesmas ideias. Vale ressaltar que essa liberdade de escrita e conectividade insere os sujeitos em participação política, social, econômica sem precedentes.

O terceiro princípio versa a reconfiguração cultural, uma tensão de modelos paralelos, ou seja, juntamente com os livros, o cinema, a arte, o professor, a formação, temos a tecnologia digital, a cibercultura. Ao tratar do termo reconfiguração não propomos destruir ou excluir tudo o que se compreende por ensino/aprendizagem, os saberes da escola. A reflexão traz à baila a participação nessa nova configuração, apropriar-se de toda a informação necessária e possível e transformar em conhecimento por meio da mediação, controle, da confiança e, assim, conversar com o mundo, construir o conhecimento a partir de diversos universos, culturas, linguagens; a possibilidade da abertura da informação. A probabilidade aqui de romper com a detenção do saber, o saber agora está aberto e precisa da mediação, da colaboração, do revozeamento, da ressignificação, da participação e coparticipação.

A aquisição da informação dependerá cada vez menos do professor. As tecnologias podem trazer hoje dados, imagens, resumos de forma rápida e atraente. O papel do professor - o papel principal – é ajudar o aluno a interpretar os dados, a relacioná-los, a contextualizá-los. O papel do educador é mobilizar o desejo de aprender, para que o aluno se sinta sempre com vontade de conhecer mais. (MORAN, 2007, p. 33)

Evidentemente não podemos ficar reféns de equipamentos tecnológicos, a máquina, seja qual for, fica obsoleta rapidamente. Faz-se necessário pensar na virtualização da informação, ler tudo isso que está disponível na rede, dentro de cada necessidade e, problematizar essas informações e as discussões na sala de aula. Enfim, atualizar toda essa problematização, ou seja, escrever. Isso quer dizer que o professor não perde o saber, leva os alunos a produzir mais leituras e escritas críticas e conscientes de seus usos.

[...] um conjunto de informações e habilidades mentais devem ser trabalhados com urgência pelas instituições de ensino, a fim de capacitar o mais rápido possível os

2 Ao se discutir cibercultura diante dos desafios da educação imagino que não discutimos mais sobre alunos e sim alunos em uma cultura digital, por isso utilizei o termo cibereducando.

alunos a viverem como verdadeiros cidadãos neste novo milênio cada vez mais cercado por máquinas eletrônicas e digitais. (XAVIER, 2002, p.1)

Na cultura digital, a proposta é mudar então os espaços, os tempos, o funcionamento da sala de aula, permitir uma educação cidadã completa, admitindo a participação dos alunos a construir o saber, mediado com o professor, com a rede, interagindo com as práticas sociais, virtuais, globalizadas, na qual, se não todos, a grande maioria dos alunos está inserida. É repensar a estrutura dinâmica das identidades e da cultura, instaurar a troca e a cooperação.

IDENTIDADE DOCENTE NA CULTURA DIGITAL

De acordo com as reflexões expostas até aqui, partimos da tese de que a cultura e as identidades devem ser compartilhadas, abertas e em permanente modificação. Isso porque as identidades e a cultura são construtos sociais. Delimitando aqui as identidades docentes, elas se entrecerram com outras identidades, fazendo com que estas se deem na relação entre professores e estudantes, professores e professores, professores e a rede, etc. E a participação de docentes na cultura digital, ao que se tem observado nas pesquisas recentes sobre o assunto, tem sido um aspecto importante na reconfiguração das identidades do ser professor.

Convém destacarmos que cada professor já é um universo de saberes que se entrecruzaram ao longo de sua formação. Todos os livros lidos, as músicas ouvidas, as histórias contadas, as aulas dadas, os vídeos assistidos, as práticas diversas em que participaram constituem o papel do professor, a imagem dele, a sua função. Desse modo, nada disso é posto de lado ou excluído da sua constituição, dos saberes. O que se discute é o que (LEMOS, 2010, p. 5) propõe: “a cibercultura pode ser (em alguns setores já é) um fator de enriquecimento baseado na troca de conhecimentos, na apropriação criativa, no desenvolvimento de uma forma de trabalho coletiva compartilhada”. Destacamos assim que a cultura digital é uma forma de conteúdo cultural e também um modo de modular identidades.

Face ao exposto, há necessidade de reformas frente à educação e aos processos de formação que diz respeito à potencialidade da educação para formar um novo estilo de pedagogia, em que o professor é incentivado a animar o intelecto de seus alunos, ao invés de se restringir ao papel de fornecedor direto de informações relevantes à construção do conhecimento, fazendo referência ao conhecimento bancário já criticado por Freire (1983).

É preciso, então, conhecer e vencer os obstáculos institucionais, culturais e individuais que impedem os professores que os se apropriem das tecnologias de informação e comunicação. Uma das barreiras frequentemente citadas na literatura com relação à inovação nas escolas, seja ela de natureza tecnológica ou outra, é seu conservadorismo. (RIBEIRO, OLIVEIRA, MILL, 2013, p. 140)

O acesso cada vez maior do ciberespaço a estudantes e professores possibilita que esses atores sociais encontrem amplas oportunidades de aprendizagem. Esse processo possibilita a ambos – docente e aluno – a formação do senso crítico, diante das diversidades da vida contemporânea. É nessa direção que urge a reconfiguração

identitária de docentes, capaz de promover reflexões contínuas sobre a prática pedagógica, dar abertura às novas possibilidades de se ofertar ao aluno espaços contextualizados de aprendizagem. Lèvy (1999) destaca os processos como orientação dos estudantes em espaço do saber fluente, aprendizagens cooperativas e inteligência coletiva no centro de comunidades virtuais que atualizam a relação com o saber. Ampliando assim o acesso à informação, compartilhamento entre os indivíduos, sem deixar de mensurar a ampliação da inteligência coletiva preconizada por Lèvy (1999).

Nesse cenário, o professor poderia desfrutar das ferramentas que estão ao seu alcance, tanto no âmbito pessoal, como no desempenho de sua prática professoral. O modelo de conhecimento aberto e evolutivo deixar cair por terra o pressuposto do conhecimento pronto e acabado.

A escola precisa encarar seu papel não mais apenas como transmissora do saber, mas de ambiente de construção do conhecimento. Os alunos precisam saber aprender, saber onde encontrar as informações de que precisam e ter autonomia para lidar com essas informações avaliando, questionando e aplicando aquelas que julgarem úteis e pertinentes. Para isso é preciso que a escola abra mão de um conteúdo ou uma “matéria” rigidamente predeterminada, e seja capaz de administrar a flexibilidade exigida daqueles que querem adotar uma postura de construção do conhecimento. Assim conseguiremos partir do que os alunos já sabem (e não do que deveriam saber ou do que a escola acredita de antemão que eles não saibam) e ajudá-los a conquistar novos espaços. (COSCARELLI, 2007, p. 32)

Essas implicações e demandas da sociedade de informação atingem todo o processo educativo. Para tanto, o professor precisa estar inserido, na verdade ele está, mas não percebe e precisa ensinar para que os alunos adquiram o conhecimento necessário para sua ação na sociedade de forma crítica e reflexiva. São esses quesitos relevantes para se pensar na identidade docente, refletir criticamente sobre o lugar que ocupa nessa cultura digital, avaliar o lugar de ação que tem e avaliar a própria prática docente. É oportuno aqui lembrar de (PAPERT, 1997, p.54), “O modo de alguém adquirir fluência em tecnologia é semelhante ao modo de adquirir fluência na língua. A fluência vem com a utilização”.

Ademais, como a tecnologia, a docência não é algo fixo, pronto e acabado, está sujeita a constantes mudanças, incorporadas a partir do fazer cotidiano do professor, no desenvolvimento de conhecimentos tácitos advindos da prática de ensinar. (Tardif e Lessard, 2005).

Nesse ínterim, o professor passa a ser ator e coautor de processos de aprendizagem, um articulador de processos instigantes e não o centro de saber, é aquele que reconfigura os saberes, aliando a teoria à prática e se alinha às demandas do universo digital, passa a ser o docente inovador, que cria caminhos e possibilidades ao invés de seguir modelos, é um sujeito em construção que expõe, ouve, pesquisa, avalia, dá voz, muda, segue, retorna.

Não há identidade estável na informática porque os computadores, longe de serem os exemplares materiais de uma imutável ideia platônica, são redes de interfaces abertas às novas conexões, imprevisíveis que podem transformar radicalmente seu significado e seu uso. (LÉVY 1999, p. 102)

Essas mudanças no âmbito educacional apontam que as identidades vão se organizando de acordo com as situações que mudam rapidamente, onde tudo é transitório. Nesse sentido, é importante destacar que as identidades mesmo sendo deslocadas, não são descartadas a cada situação, e sim reconstruídas e reformuladas, moldando um indivíduo talvez mais flexível, mais dinâmico, mais seletivo, porém inacabado. Afinal, as novas tecnologias não derrubam as antigas e sim acrescentam novas relações com o saber e, por conseguinte, desloca as identidades.

A identidade não é tão transparente ou tão sem problemas como pensamos. Ao invés de tomar identidade por um fato que, uma vez consumado, passa em seguida a ser representado pelas novas práticas culturais, deveríamos pensá-la talvez como uma “produção” que nunca se completa, que está sempre em processo e é sempre constituída interna e não externamente à representação. (HALL, 1994, p 222)

Esse complexo cultural produz assim novas identidades sociais, de modo que o mundo contemporâneo produz interculturalmente trocas entre imaginários plurais, presenciais ou virtuais, e isso passa a possibilitar novos discursos e linguagens. Tais discursos podem se afinar ou ser conflituosos, o que gera uma cultura mais rica, sujeitos com novas e diferentes habilidades. O professor, ao se inserir nessa realidade social como mediador entre os cibereducandos e os contextos sociais, entre os educandos e a cultura oportuniza às novas gerações outras formas de pensar e fazer.

Segundo essa reflexão e coadunando com as mensurações de Lèvy, faz-se necessário rever os paradigmas de aquisição do conhecimento e da constituição dos saberes. A aprendizagem cooperativa parece apontar para uma direção promissora, em que a função do professor deixa de ser a difusão de conhecimentos, já que isso é feito de modo mais eficaz por meios tecnológicos.

A identidade docente se desloca para o incentivo da aprendizagem e do pensamento, em que a atividade estaria mais centrada no acompanhamento da gestão das aprendizagens; para incitar à troca de saberes, à mediação de relações e representações, a dirigir de forma personalizada os percursos da aprendizagem objetivando a aprendizagem contínua, interativa, colaborativa, integradora, avaliando o processo, com mais flexibilidade e pró-ação.

O DISCURSO DOS PROFESSORES

É bastante difícil definir o que seria uma identidade docente na cultura digital, na verdade conjecturamos possíveis caminhos considerando os paradoxos de qualquer natureza. Na tentativa de compreender um pouco mais os deslocamentos identitárias e as mudanças culturais nesse momento tecnológico, apresentamos dois excertos retirados dos *blogs* de dois professores que atuam no ensino fundamental II e Ensino médio de escolas da rede pública de ensino no interior do Paraná.

Esses fragmentos fazem parte do *corpus* analisado em minha dissertação intitulada “Reconfigurações tecnológicas na escola: as práticas de letramento digital na visão dos professores”, defendida em 2013 na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Gostaria de

destacar que neste artigo procuro fazer uma análise discursiva dos excertos, haja vista que no texto de onde foram retirados a análise tinha como foco um viés pragmático.

Como discurso afilio-me à perspectiva Bakhtiniana que preconiza o discurso organizado a partir do pensamento no outro, marcando o ser humano pela alteridade. Para Bakhtin (2009) a vida é dialógica por natureza, e por assim dizer, o dialogismo passa a ser o principal constitutivo da linguagem, haja vista, que conforme o autor supramencionado a linguagem é interdiscursiva por natureza, ou seja, veicula-se socialmente e há interação dos sujeitos.

De modo a situar brevemente essa análise, vale ressaltar que a noção da influência do contexto e da subjetividade encontra uma de suas expressões máximas nas afirmações de que “cada palavra evoca um contexto ou contextos, nos quais ela viveu sua vida socialmente intensa; todas as palavras e formas são povoadas de intenções” (BAKHTIN, 1934-1935/2009, p.100) e “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1929/2009, p. 95, 114,). Com isso, Bakhtin torna possível dizer que não são palavras que pronunciamos ou escutamos, mas sim verdades ou mentiras, coisas boas ou más, agradáveis ou desagradáveis, ou seja, tudo é uma “expressão ideológica”; de valor, (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1929/2009, p. 114) onde está sempre em jogo uma orientação de caráter apreciativo. Não podemos esquecer também de um traço essencial e constitutivo de todo enunciado: seu *direcionamento* a alguém, seu *endereçamento* (BAKHTIN, 1952-1953/2003, p.301), a que Bakhtin chama de *orientação dialógica do discurso* (BAKHTIN, 1934-1935/1998, p.85). Isso quer dizer que do ponto de vista do autor o enunciado sempre tem um destinatário específico, que pode ser desde um participante-interlocutor em um diálogo até uma coletividade. Assim percebemos uma espécie de diálogo com a presença de duas diferentes “vozes”, a do autor e aquela que o autor imagina que será a do destinatário. Dessa forma, analisamos as identidades construindo-se discursivamente na interação em diferentes enunciações.

EXCERTO PARTICIPANTE 1

Gostaria muito de ter colaborado mais com sua pesquisa, mas sei que faltou ter mais conhecimento e tempo para desenvolver o projeto com mais afinco e dedicação, posso relacionar dificuldades que encontrei para desenvolver seu projeto, sendo que o principal deles foi minha falta de conhecimento a respeito do tema, apesar de ter pesquisado e lido alguns artigos a respeito do tema, fiquei ainda com algumas dúvidas, não que isso seja o único problema, não tinha muito tempo também, a escola, a casa e filhos, foram um obstáculo não conseguia tempo para ler, entender e tentar desenvolver uma forma de comunicação eficiente entre os meus alunos e eu. Fiz algumas tentativas primeiro com o primeiro ano B, que não foi nada legal, a internet da escola não estava funcionando a aula foi frustrante. Depois fiz outras tentativas com o segundo ano, passando trabalhos e comentários através do MSN, até foi interessante, mas também acho que não foi bom. Em parte por que não sei lidar direito com tanta tecnologia, em parte por que os alunos " alguns alunos " não tem interesse em buscar o conhecimento, sei que somos os maiores culpados por isso, pois temos a tendência de dar tudo pronto, mastigado e resumido para que eles só tentem aprender. Gostaria de dizer que sua pesquisa fez com que eu, professora e mãe, pudesse avaliar a forma com que educo e ensino meus alunos e filhos, acho que tenho muito a aprender, sei que não sou a única a achar mais fácil passar o resumo e explicar o

conteúdo, e no fundo o correto seria deixar que os alunos construam seu conhecimento com minha ajuda e auxílio. Gostaria de ter tido mais tempo para pesquisar e aplicar essa nova forma de educação que está batendo a nossa porta apesar de estarmos fazendo de conta que não enxergamos, sempre a comodidade em nossa categoria foi um obstáculo a novos conhecimentos e propostas.

Ao destacar o pensamento do outro, a construção da identidade a partir da alteridade, percebemos o diálogo do participante com o pesquisador quando aquele diz “*Gostaria muito de ter colaborado mais com sua pesquisa*” e “*Gostaria de dizer que sua pesquisa fez com que eu, professora e mãe, pudesse avaliar [...]*”. Convém destacar que os *blogs* criados pelos participantes serviram com diários reflexivos das práticas de letramento digital, do uso das tecnologias digitais em sala de aula, diante disto justificamos o porquê do discurso tão direcionado. Muito embora esse endereçamento de discurso também pode parecer como um pedido de desculpa, talvez não seja isso que você gostaria que fosse feito. Dizemos isso porque sabemos, diante de tantos estudos, que ao se propor a implementação de uma pesquisa, e até pelo contexto histórico escolar, parece que há o caminho correto a seguir, um modelo padrão. Afinal, como Coscarelli (2007) já destacou que a escola transmite um saber, desse modo o professor é responsável por essa transmissão, por esse saber.

Essa cultura, ao que parece, é a que ainda permanece na escola. Vejamos no seguinte enunciado: “[...] *fiquei ainda com algumas dúvidas, não que isso seja o único problema, não tinha muito tempo também, a escola, a casa e filhos, foram um obstáculo não conseguia tempo para ler, entender e tentar desenvolver uma forma de comunicação eficiente entre os meus alunos e eu.* Ficar em dúvida remete a um problema para o professor, haja vista que não conseguiu desenvolver uma forma de comunicação eficiente entre alunos e professor. Talvez, essa dificuldade da comunicação resida no fato de não deter o conhecimento para utilizar as tecnologias e, por conseguinte, não saber como utilizar com os alunos. De acordo com Moran (2007), a informação dependerá cada vez menos do professor que servirá como mediador entre a informação e o conhecimento, no entanto para isso o professor precisa estar ciente dessa ebulição de informações. Como já mencionado na seção de cultura digital, não é o fato de utilizar a máquina, e sim problematizar os eventos nos quais os alunos estão inseridos. Sendo assim, destacamos a necessidade de mudança da cultura como algo fixo, professor = detentor do saber, historicamente um discurso construído.

A noção de tecnologia digital parece tão assustadora e, devido a isso, a resistência de perceber que se está também inserido nela, notamos no seguinte enunciado do participante: “*Em parte por que não sei lidar direito com tanta tecnologia, [...]*”; totalmente não podemos afirmar, mas em teoria, lidamos com a tecnologia sempre, o tempo todo. Telefones celulares, transações bancárias em caixas eletrônicos, *home bank*, dentre outros são práticas que os professores não parecem perceber como tecnologia digital. Utilizamos de tecnologia aquilo que é necessário para nossas práticas sociais, evidentemente nem sempre os *games*, redes sociais e outros aplicativos podem não estar presentes nos eventos da maioria dos professores, todavia isso não os exclui da cultura digital, mas sim desloca as identidades e, através do outro, no caso os alunos, contribui

para ratificar o discurso de que não sabem lidar com tecnologia. A identidade do professor, assim, parece ficar aquém das tecnologias.

Como o participante expõe que “fazemos de conta que não percebemos as mudanças que batem à porta”, na verdade, podemos pensar nas crises de identidades que os avanços, tão vertiginosos, da tecnologia trazem, gerando a insegurança, a dúvida. É perceptível no discurso do participante 1 a preocupação com as mudanças e também uma certa crise na função professor, mas como Hall (2006) já enfatizou, as identidades são processos e nesse sentido o ser professor em uma perspectiva de sendo fixo, pronto, cai por terra já que precisa de processos de ensino/aprendizagem mais colaborativos, dialógicos, interacional.

EXCERTO PARTICIPANTE 2

Este blog foi criado a pedido da professora Zuleica para postagem das experiências de práticas de letramento digital que eu apliquei com alunos do 9º ano da sala de Apoio. Confesso que estou apreensiva, pois sou marinheira de primeira viagem no assunto de blog e deveria ter feito isso já a muito tempo (Zuleica, me desculpe). Amanhã pretendo pontuar minhas práticas que, apesar do pouco tempo foram muito enriquecedoras para os alunos e também para mim que estou iniciando meu letramento digital junto com os alunos. Espero colaborar com a pesquisa de minha amiga e aprender mais e mais sobre esse ambiente digital.

Desabafo

Acho que o letramento digital deve de fato ser um caminho de mão dupla com diz a Profª Zuleica, pois as vezes a tecnologia não me obedece!!!

As férias terminaram e eu ainda não postei minhas experiências, acho que falta confiança e boa vontade (um pouco de tempo também).

Este Projeto com aulas interativas e o pouco uso de meios digitais na educação foi um dos motivos de melhora na desenvoltura de avaliações e incentivo a maior participação dos alunos nas atividades escolares proporcionando benefícios na aprendizagem

A prática reflexiva por meio do uso do *blog* é confirmada na fala do participante 2. Nesse fragmento, observamos as diversas vozes presentes no discurso do professor. No enunciado “confesso que estou apreensiva” coaduna com o discurso do participante 1, ambos parecem pedir desculpas por não terem feito o que “um certo alguém” esperava. O velho modelo de aula que deve ser seguido, um entrelaçamento de discursos que são perpetuados desde a vida escolar, passando pela formação e, de alguma forma, assombrando as práticas docentes permanecem em ambos os excertos. Na falta de certeza de estar trilhando “o caminho certo” deixa para pontuar os apontamentos para o dia seguinte, como se aguardasse um retorno do interlocutor com a afirmativa, sim, siga em frente, está certo. Evidentemente isso poderia ser feito, já que o *blog* é um site interativo, no qual a pesquisadora poderia postar algumas considerações a respeito.

Por outro lado, destacamos que o participante dois, mesmo apreensivo, afirma que o trabalho com tecnologias foi enriquecedor. Desse modo, ao pensar em novas configurações para as práticas docentes e escolares por meio das tecnologias digitais, constatamos que o trabalho colaborativo, a mediação, a troca de saberes em atividades mais integradoras, aos poucos deslocam as identidades dos docentes de modo positivo.

Construir conhecimento e não transferir conhecimento aos alunos proporciona benefícios aos alunos, à educação.

Mesmo relutante em postar as experiências vivenciadas pelo participante, e acenar para as desculpas comuns de falta de tempo e, assumir também as subjetividades de que falta vontade para mudar, para assumir as mudanças e sair da zona de conforto de ser ter um modelo a seguir utilizar o digital, mesmo que timidamente “[...] *melhora na desenvoltura de avaliações e incentivo a maior participação dos alunos nas atividades escolares [...]*”. Retomando a teoria já exposta, o professor passa a ser ator e coautor de processos de aprendizagem, um articulador de processos instigantes, que reconfigura os saberes e se alinha às demandas do universo digital, vislumbramos, então, o docente inovador, indicando caminhos e possibilidades ao invés de seguir modelos.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A partir dessa discussão, buscamos tecer considerações acerca das questões de identidades/identidades docentes e cultura digital, interligados nesse momento de ebulição tecnológica. Frente ao exposto, constatamos que as identidades se entrecruzam com outras identidades tanto no meio escolar, como nas práticas sociais diversas. Os professores, muito embora não percebam, estão inseridos nessa cultura digital, no entanto reproduzem o discurso de que não sabem lidar, que tem dificuldades, que os alunos estão muito mais inseridos no meio digital. Ao analisarmos nossas práticas tecnológicas, podemos confirmar que, mesmo não sendo o último modelo do mercado, a grande maioria possui um celular e utiliza-o para inúmeros fins, temos cartão eletrônico para transações bancárias, utilizamos a rede mundial de computadores, conhecemos saberes básicos dos computadores como digitar, imprimir, utilizar os processadores de texto e até mesmo as apresentações de slides. Sendo assim, participamos de algum modo da cibercultura.

Tal participação na cultura digital tem se apresentado como um aspecto importante para reconfiguração da identidade docente, haja vista que a cultura ciber emana informações em uma velocidade sem precedentes, potencializa essas informações por meio da leitura, além de romper com a emissão, já que possibilita que se escreva inserindo o sujeito nos nichos que faz sentido para as subjetividades de cada um. Nesse norte, o professor perde o papel de detentor do saber, senhor absoluto da informação já que a rede desempenha esse papel com mais destreza. No entanto, o professor não perde sua função principal, e sim desloca sua identidade para mediar o conhecimento, passa a ser aquele que incentiva os alunos a problematizar as informações a fim de transformá-las em conhecimento. Permite o revozeamento das tantas vozes, desenvolvendo a criticidade e a criatividade para não serem usados pelas tecnologias.

Mesmo para aqueles que não têm acesso ao digital, o professor passa a ser o inovador para permitir que os alunos tenham uma educação cidadã completa, que participem da cultura digital de forma consciente e crítica, o professor expõe os saberes que tem e alia a tecnologia para potencializar tais saberes, permitindo a participação dos alunos, a interação, a construção. Assim, o professor não perde seu lugar, e sim reconfigura-o nas relações com os estudantes, com seus pares, com a rede, ressignificando os espaços de aprender e ensinar e vice-versa.

Ao chegar ao fim dessa discussão concordamos com a afirmação de Papert (1997) de que a tecnologia se aprende usando e, mesmo inseguros, fazemos parte da cibercultura e ela tem reconfigurado nossas identidades porque todas as nossas relações são processos e estão em contínua aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail/VOLOCHINOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1929/2009.

BAKHTIN, Mikhail **Os gêneros do discurso**. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1952-1953/2003

COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). **Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 2ª ed. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2007

ELETRÔNICO, Houaiss. **Dicionário Eletrônico Houaiss**. Instituto Antônio Houaiss: Objetiva, 2011. CD-ROM

FAGUNDES, Léa. **Cultura Digital**. Fórum das licenciaturas da UCS, 2011. Disponível em <http://www.ucs.br/site/ucs/noticias/1307022314>, acesso 22 de jul. de 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro - 11ª ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

_____. **Janelas do ciberespaço: comunicação e cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo: Editora 34, 1993.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MILL, Daniel. (Org.) **Escritos sobre a educação: desafios e possibilidade para aprender com as tecnologias**. São Paulo: Paulus, 2013

MORAN, José Manuel. **A Educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. Campinas – São Paulo: Papyrus, 2007

MOTTA, Maria do Carmo. **Escola moderna, alunos pós-modernos: como educar.** Pernambuco: Editora Unicap, 20 de julho 2010. Disponível em: <www.unicap.br/revistas/symposium/arquivo/artigo_1.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2014.

PAPERT, S. **A família em rede:** ultrapassando a barreira digital entre gerações. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1997.

RIBEIRO, Luis Roberto de Camargo; OLIVEIRA, Marcia R. G.; MILL, Daniel. **Tecnologia e educação:** aportes para a discussão sobre a docência na era digital. In MILL, Daniel. (Org.) **Escritos sobre a educação:** desafios e possibilidade para aprender com as tecnologias. São Paulo: Paulus, 2013

SELTON, Maria da Graça. **Mídia e Educação.** 1ª edição. São Paulo: Contexto, 2011

TARDIF, M; LESSARD, C. **O trabalho docente:** elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: Vozes, 2005.

XAVIER, Antônio Carlos dos Santos. **Letramento digital em ensino.** 2002. Disponível em: <http://www.ufpe/nehete/artigo.htm>. Acesso em: 02 jul. 2014

SOBRE O AUTOR/ A AUTORA:

Possui graduação em licenciatura em letras Português/Inglês pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória (1998). Especialização em Magistério da Educação básica com concentração em Língua Portuguesa. Mestre em Linguagem, Identidade e Subjetividade pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, atuando principalmente nos seguintes temas: Tecnologia e Educação, identidades e tecnologia, Práticas de letramentos/letramentos digitais, linguagem digital; Reflexão crítica. Desenvolve projeto de extensão " Olhares Reflexivos acerca do letramento digital na formação docente". Atualmente é professora de Linguística na UNESPAR/FAFIUV - campus de União da Vitória